

Português

Investigar a pobreza urbana: lições e ilações de *Evicted* e de *Poverty, by America*, de Matthew Desmond

João Queirós

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Resumo

O presente ensaio retoma a leitura dos livros *Evicted* e *Poverty, by America*, da autoria do sociólogo norte-americano Matthew Desmond, para dela retirar ensinamentos de natureza teórica, metodológica e analítica a considerar no desenho e desenvolvimento de processos de investigação sociológica do fenómeno da pobreza urbana. Mesmo se reportados ao caso específico dos Estados Unidos da América, os estudos a que este texto se refere constituem elementos de suporte muito relevantes para uma renovação geral do olhar sobre aquele fenómeno e sobre o que falta conhecer - e fazer - para o confrontar.

Palavras-chave: Pobreza urbana; Etnografia; Políticas sociais.

English

Researching urban poverty: some lessons from *Evicted* and *Poverty, by America*, by Matthew Desmond

Abstract

This essay builds on the reading of *Evicted* and *Poverty, by America*, two books by North American sociologist Matthew Desmond, to extract a set of theoretical, methodological and analytical lessons that can inform the design and development of sociological research on urban poverty. Even if these books refer to the very specific case of the United States of America, the fact is that they provide students of social and urban inequality with relevant supporting elements for a renewal of perspectives on what remains to be known - and what can be done - to confront that phenomenon.

Keywords: Urban poverty; Ethnography; Social policy.

Français

Enquêter la pauvreté urbaine: leçons de *Evicted* et de *Poverty, by America*, de Matthew Desmond

Résumé

Cet essai reprend la lecture des livres *Evicted* et *Poverty, by America*, écrits par le sociologue nord-américain Matthew Desmond, pour en extraire des leçons de nature théorique, méthodologique et analytique à prendre en compte dans la conception et le développement de la recherche sociologique sur la pauvreté urbaine. Même si ces études concernent le cas spécifique des États-Unis d'Amérique, ils offrent en effet

des éléments d'appui très pertinents pour un renouvellement du regard sur ce phénomène et sur ce qu'il reste à savoir - et à faire - pour y faire face

Mots-clés: Pauvreté urbaine; Ethnographie; Politiques sociales.

Español

Investigando la pobreza urbana: lecciones de *Evicted* y de *Poverty, by America*, por Matthew Desmond

Resumen

Este ensayo retoma la lectura de los libros *Evicted* y *Poverty, by America*, del sociólogo norteamericano Matthew Desmond, para extraer lecciones de carácter teórico, metodológico y analítico que podrán ser consideradas en el diseño y desarrollo de procesos de investigación sociológica del fenómeno de la pobreza urbana. Aunque se refieren al caso específico de los Estados Unidos de América, estos dos estudios incluyen elementos de apoyo muy relevantes para una renovación de la perspectiva sobre ese fenómeno y lo que queda por saber -y hacer- para enfrentarlo.

Palabras clave: Pobreza urbana; Etnografía; Políticas sociales.

Introdução

A publicação anual dos números relativos à incidência da pobreza em Portugal é acompanhada por quem se interessa pela evolução do fenómeno e estuda a realidade social portuguesa sem expectativa de especiais surpresas. Ano após ano, a linha que desenha a progressão dos limites do conjunto de pessoas que vive com rendimentos abaixo do limiar da pobreza resiste a quebras dignas de registo e há até um número redondo – o que aponta os “dois milhões de pobres” residentes no país – que se tornou referência incontornável do discurso corrente sobre o tema.

De acordo com dados oficiais, havia em Portugal, em 2022, quase 1,8 milhões de pessoas pobres, correspondendo este número a uma taxa de risco de pobreza após transferências sociais de 17,0%. O número supera em seis décimas a taxa de risco de pobreza registada no ano transato e está apenas quatro pontos percentuais abaixo

do nível de pobreza observado no início do século XXI, revelando uma retração efetiva, mas bastante lenta e limitada, da incidência do fenómeno em Portugal¹.

Conjugados com as difíceis condições de acesso e/ou de manutenção de uma situação habitacional condigna², e coincidindo também com a presença em Portugal de Matthew Desmond, para participar numa conferência organizada pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto no início de 2024, os desapontantes números da incidência da pobreza no país configuram o pretexto adequado para visitar com atenção redobrada os dois mais recentes trabalhos daquele sociólogo norte-americano: *Evicted: Poverty and Profit in the American City*, de 2016, e *Poverty, by America*, de 2023³.

¹ Os dados de 2022, recolhidos em 2023 pelo Instituto Nacional de Estatística, no âmbito do ICOR (*Inquérito às Condições de Vida e Rendimentos*), davam conta da existência de 1,781 milhões de pessoas pobres em Portugal, 17,0% da população, sendo o risco de pobreza especialmente elevado, do ponto de vista do escalão etário, entre as crianças e jovens até aos 18 anos (20,7%); do ponto de vista da composição do grupo doméstico, entre as famílias monoparentais (31,2%); e, do ponto de vista da condição perante a atividade económica, entre as pessoas desempregadas (46,7%). A percentagem da população abaixo da linha da pobreza em Portugal situava-se, dez anos antes, nos 17,9%, sendo de 21% em 2000, valor mais alto observado desde essa data. Em 1995, primeiro ano desta série de dados, a taxa de risco de pobreza situava-se nos 23%. Se à população em risco de pobreza, isto é, com rendimentos após transferências sociais situados abaixo do limiar da pobreza estabelecido em cada ano de referência, fosse adicionada a população que vivia em agregados domésticos com intensidade laboral muito reduzida ou em privação material e social severa – grupo mais alargado que as estatísticas oficiais designam como população “em risco de pobreza ou exclusão social” – o número subia, em 2022, para 2,104 milhões de pessoas, 20,1% da população portuguesa. Estes dados estão disponíveis na PORDATA, em <https://www.pordata.pt/pt/estatisticas/pobreza>. Num artigo breve publicado em 17 de outubro de 2024, no *website* da Fundação Francisco Manuel dos Santos, assinalando o Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza, Carlos Farinha Rodrigues, especialista no estudo deste fenómeno em Portugal, não hesitava em caracterizar os números do ICOR de 2023 e, consequentemente, os resultados do combate à pobreza no país como “uma profunda deceção” (texto disponível em <https://ffms.pt/pt-pt/atualmentes/combate-pobreza-uma-profunda-dececao>, consultado em outubro de 2024).

² Em 2023, cerca de um quarto dos inquilinos em Portugal estava em situação de sobrecarga financeira com as despesas com a habitação (isto é, gastava pelo menos 40% dos seus rendimentos com custos da renda da casa, água, luz e gás; 5,2% dos portugueses viviam em agregados com atrasos em pagamentos regulares relativos a rendas, prestações de crédito ou outras despesas; 20,8% não tinham dinheiro para manter a casa adequadamente aquecida. Estes e outros dados extraídos do ICOR 2023 podem ser consultados em <https://www.pordata.pt/pt/estatisticas/pobreza> e na síntese informativa da PORDATA disponível em https://ffms.pt/sites/default/files/2024-10/PR_Dia%20Internacional%20Pobreza_2024_PORDATA_vf.pdf (documento consultado em outubro de 2024).

³ Matthew Desmond esteve em Portugal em fevereiro de 2024 para participar na *Conferência Anual do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto*, tendo a sua comunicação abordado essencialmente os conteúdos do seu livro de 2023. Desmond é Professor de Sociologia na Universidade de Princeton e lidera o *Eviction Lab* (<https://evictionlab.org/>). *Evicted: Poverty and Profit in the American City* ganhou o Prémio Pulitzer de Não-Ficção, em 2017, bem como o National Book Critics Circle Award, a Carnegie Medal e o PEN / John Kenneth Galbraith Award for Nonfiction. A investigação de Desmond tem incidido sobre a pobreza nos Estados Unidos da América, a vida na cidade, a insegurança habitacional, as políticas públicas, a desigualdade racial e a etnografia. Recebeu uma MacArthur “Genius” Fellowship, o prémio Silver Gavel da American Bar Association e o William Julius Wilson Early Career Award. Ecos da sua passagem por Portugal no início de 2024 estão disponíveis nos arquivos do *JPN* (<https://www.jpnp.up.pt/2024/02/16/matthew-desmond-muitos-de-nos-lucramos-com-a-existencia-da-pobreza/>) e do *Público* (<https://www.publico.pt/2024/02/25/mundo/entrevista/matthew-desmond-podemos-abolir-pobreza-eua-politicas-sensatas-2080459>).

1. Pobreza e lucro na cidade americana

Evicted: Poverty and Profit in the American City [Despejados: Pobreza e Lucro na Cidade Americana] é um relato denso, duro, pungente e, por vezes, comovente da experiência da pobreza urbana, tal como esta pôde ser observada por Matthew Desmond entre maio de 2008 e dezembro de 2009, na cidade de Milwaukee, capital do estado do Wisconsin, que fica situado na zona dos Grandes Lagos, na parte mais a norte da região do Centro-Oeste dos Estados Unidos da América (*Upper Midwest*), muito perto da fronteira com o Canadá.

Dividido em três partes – *Rent, Out, After* [Renda, Fora, Depois] –, cada qual subdividida em oito capítulos, a que são adicionados um prólogo, um epílogo, um apêndice de pendor metodológico e um conjunto vastíssimo de notas que enquadram, prolongam e documentam os dados e análises contidas no corpo do texto, este relato etnográfico acompanha as vidas difíceis e as consequências diárias da situação de pobreza e precariedade habitacional de oito famílias, e de alguns outros atores que com elas interagem, em dois territórios marginalizados da cidade de Milwaukee: a área central degradada e empobrecida (*inner city*), habitada esmagadoramente por famílias negras; e a área de localização de um velho parque de rulotes (*trailer park*), situada não muito longe do aeroporto, a menos de 15 quilómetros do centro urbano, onde é maioritária a proporção de indivíduos e famílias brancas.

Através da apresentação e descrição detalhada do quotidiano dos protagonistas observados nestes dois contextos, Desmond proporciona a quem lê este livro acesso a aspetos íntimos das trajetórias e experiências diárias de pessoas instaladas nas posições mais deserdadas e simbolicamente depreciadas do espaço social e urbano, ao mesmo tempo que documenta a instanciação diária e reiterada dos mecanismos responsáveis pela produção e reprodução destas condições: a precariedade do emprego, a exploração laboral e os baixos salários; a especulação rentista e a escassez de habitação acessível; a gentrificação e a segregação residencial; o acesso desigual ao sistema judicial e as distorções da aplicação da justiça; a ação insidiosa do mercado das drogas e a violência a ele associada; a persistência perniciosa da dependência de substâncias e a insuficiente resposta dos serviços públicos e da intervenção de proximidade; a incidência da doença física e mental e o

difícil ou inexistente acesso aos serviços de saúde e à prestação regular de cuidados; a exclusão escolar e a desqualificação académica e profissional; a presença-ausência do Estado (lesto a punir, lento e parcimonioso a apoiar).

Tomando a casa e o espaço habitado como estruturantes e estruturadores da existência (no sentido mais amplo do termo), a narrativa constrói-se em torno da experiência – iminente ou efetiva – do despejo. Na primeira parte do livro (*Rent*), Desmond apresenta as personagens desta história, que surgem invariavelmente imersas em dificuldades para aceder a um alojamento ou para manter o alojamento que arrendaram. É nos primeiros oito capítulos do livro que pode conhecer-se o caso de Lamar, um homem com pouco mais de cinquenta anos, antigo militar, residente no centro da cidade Milwaukee, que percorreu uma sucessão de trabalhos em diversos ramos de atividade até sofrer um acidente que determinou a amputação dupla dos membros inferiores, mas a quem foi negada uma prestação social por invalidez – de acordo com a junta médica responsável pela análise do seu processo, seria ainda assim possível a Lamar continuar a trabalhar.

Numa cidade, como Milwaukee, com um passado recente marcado pela desindustrialização e pela desvitalização económica, encontrar bons empregos não se revela tarefa fácil, em especial quando aqueles que os procuram são homens, como Lamar, na fase mais avançada da idade ativa, sem qualificações académicas, com histórico de dependência de drogas e nível elevado de incapacidade física. Não surpreendentemente, Desmond vai encontrar Lamar numa situação de privação material severa e numa situação residencial incerta, entre a iminência do despejo e a possibilidade de estabelecimento *in extremis* de um acordo com a senhoria para pagamento de rendas vencidas (Desmond, 2017, Cap. 2)⁴.

É também na primeira parte do livro que Desmond apresenta o caso de Arleen, uma mulher jovem, mãe-solteira de dois rapazes pequenos, que tenta como pode assegurar os meios para pagar a renda e ainda fazer do apartamento esconso que

⁴ Apesar de a primeira edição do livro ter sido publicada em 2016, as referências a *Evicted* surgem aqui com data de 2017, ano de publicação da versão a que este texto faz referência, e que corresponde à primeira tiragem da edição *paperback* publicada pela Penguin Books. No caso de *Poverty, by America*, é feita aqui referência à edição *hardcover* publicada pela Crown em 2023. As referências completas são disponibilizadas no final do artigo. Infelizmente, nenhum destes livros havia sido traduzido para português e publicado em Portugal aquando da redação da versão final deste texto (novembro de 2024).

conseguiu arrendar na infame “Rua Treze”, no centro da cidade, um lar para os filhos (Desmond, 2017, Cap. 5). Ou ainda o caso de Scott, um homem de 38 anos que foi parar ao (também infame) parque de rulotes, onde se dedica a cuidar de Teddy, depois de a dependência das drogas ter arruinado as possibilidades de prossecução de uma carreira promissora como enfermeiro (Desmond, 2017, Cap. 7).

Mas a primeira parte do livro não se limita à apresentação e descrição inicial de situações e vivências de pobreza e insegurança habitacional exemplificativas da realidade social observável nos dois territórios selecionados para estudo aprofundado; na verdade – e esse é, sem dúvida, um primeiro aspeto a destacar e um dos elementos mais originais e relevantes da investigação –, Desmond inclui também na sua caracterização e análise dos antecedentes, das circunstâncias e das consequências dos processos de despejo a perspetiva e a experiência de proprietários e senhorios. Ali figura, por isso, a história de Sherrena, “empreendedora do centro urbano” [*inner-city entrepreneur*], proprietária e gestora de várias “unidades” na cidade central, senhoria de, entre outros, Lamar e Arleen, que procurava gerir – para além de um negócio que se revelava tanto mais exigente, quanto maior e mais rentável se tornava – a tensão pessoal resultante do exercício do poder, às vezes passível de mobilização discricionária, conferido pelo estatuto de senhoria (Desmond, 2017, Cap. 1). Ali figura também a história de Tobin, proprietário do parque de rulotes com fama de ser flexível e compreensivo, mas pouco dado a transigências, e menos ainda a perdões de dívidas, que, com os funcionários Lenny e “Office” Susie, geria as 131 “unidades” do parque, enquanto tentava impedir a concretização das ameaças de perda da respetiva licença de funcionamento (Desmond, 2017, Cap. 3).

A conjugação e confrontação das perspetivas de inquilinos e senhorios é evidência da preocupação e do investimento que Desmond faz na construção de uma leitura complexa e efetivamente relacional do fenómeno do despejo, entendido como evento-charneira nas trajetórias sociais dos indivíduos e famílias por ele afetadas, mas também como acontecimento-clímax que, assumido como objeto do interesse etnográfico e como foco analítico, permite revelar os desequilíbrios de poder, as disputas, as tensões, as sujeições e as formas de resistência associadas à relação económica e social que o arrendamento constitui. Uma relação que é, ademais,

absolutamente central na estruturação das vidas e na determinação das trajetórias das pessoas que habitam os contextos urbanos mais depreciados e as regiões mais deserdadas do espaço social⁵.

A perspetivação multifacetada e relacional da precariedade habitacional e do despejo como materialização do risco que impende sobre grande parte dos pobres urbanos nos Estados Unidos da América prossegue na segunda parte do livro (*Out*). Nos oito capítulos que a integram, Desmond descreve com relativo detalhe as lógicas justificativas e os cursos de ação que os senhorios seguem quando tomam a decisão – não sem frequentes dúvidas e recuos prévios – de avançar com uma ordem de despejo, para depois relatar a experiência – tantas vezes desesperada e eivada de dramatismo – da ameaça e da concretização efetiva do despejo, tal como vivida pelos indivíduos e famílias retratadas no livro.

Na apreciação do acontecimento-clímax que a concretização da ordem de despejo constitui, Desmond faz questão de juntar à análise elementos relativos à descrição da presença e do papel das autoridades administrativas e policiais, bem como das instâncias judiciais. São especialmente reveladores os relatos das interações e diálogos ocorridos nos corredores do tribunal e das diligências associadas aos processos de despejo, nas reflexões que suscitam quanto a tópicos como acesso (condicionado) à justiça, (baixa) literacia jurídica, formas de tratamento (diferenciado) dos cidadãos ou (insuficiente) articulação entre sistema judicial e serviços sociais. Ainda que Desmond não despenda na exploração desta dimensão de análise o

⁵ A busca de uma descrição plural e de uma perspetivação complexa e relacional da realidade estudada determina várias opções metodológicas e vários caminhos analíticos seguidos pela investigação apresentada em *Evicted*. Para além de juntar inquilinos e senhorios, “pobreza” e “lucro”, na descrição e análise do “antes”, do “durante” e do “depois” do despejo, a etnografia de Desmond confere protagonismo tanto a homens, como a mulheres, introduzindo um olhar analítico lançado a partir da lente do género; observa o quotidiano e a experiência social de diferentes tipos de configuração familiar, para apreciar os recursos diferenciados, os fatores de risco e os eventuais fatores protetores associados a cada configuração; mobiliza protagonistas com trajetórias sociais e profissionais muito distintas, e que representam agentes de diferentes escalões etários e em diferentes fases do ciclo de vida, para assim reforçar o carácter diacrónico e dinâmico da análise; e insiste na apresentação de situações e trajetórias protagonizadas ora por pessoas negras, ora por pessoas brancas (mesmo que não deixe de fazer refletir na sua apreciação da realidade o carácter diferenciado da experiência da pobreza de acordo com a pertença étnico-racial). A propósito deste último tópico, vale a pena ler Desmond (2024). Nesta curta recensão do livro *White Poverty: How Exposing Myths About Race and Class Can Reconstruct American Democracy*, da autoria do Reverendo William J. Barber II, Desmond sublinha a importância que confere à apreciação do fenómeno da pobreza (urbana) enquanto fenómeno estrutural e transversal, que, por isso, afeta e diz respeito a pessoas negras e a pessoas brancas – contra os efeitos políticos de uma ideologia corrente, e até de alguma produção académica, que, nos Estados Unidos da América, tende a elidir da consideração da realidade da pobreza a situação dos pobres brancos, identificando quase sempre “ser pobre e viver no centro urbano” com “ser negro”.

número de páginas que a pessoa interessada neste assunto gostaria que a ela fosse dispensado, os relatos da experiência de senhorios e inquilinos nos tribunais responsáveis pela dirimição da conflitualidade associada aos despejos dão boa nota da heurística e da relevância sociológica e política de uma tal linha de investigação.

O mesmo pode dizer-se do estudo das interações entre famílias despejadas e serviços sociais, ainda que neste caso o livro de Desmond seja bastante mais parco em exemplos. Intui-se que o reduzido espaço que ocupam as descrições associadas ao contacto destas famílias com representantes dos serviços sociais seja resultado da escassa presença destes últimos, da própria consequência das insuficiências do financiamento, do limitado respaldo político e da reduzida capacidade de ação concreta do Estado-Providência, em especial nas regiões mais deserdadas do espaço social e nos contextos mais depauperados do espaço urbano – precisamente aqueles que dessa ação mais necessitariam. É um assunto merecedor de atenção especial – matéria certamente para toda uma outra etnografia, paralela à de *Evicted* – e a que, por isso, Matthew Desmond regressará, ainda que com método distinto, no seu *Poverty, by America*.

A ausência de uma atuação próxima, consistente e continuada dos serviços sociais fica bem patente na terceira parte do livro (*After*), dedicada à descrição dos processos de despejo e das respetivas consequências. Nos oito capítulos que antecedem o epílogo, o apêndice metodológico – um excelente recurso para investigadores e estudantes de etnografia urbana – e a sequência de notas finais de *Evicted*, é um retrato cru e impiedoso aquele que Desmond faz dos efeitos da insegurança habitacional e da pobreza em contexto urbano nos Estados Unidos da América (“*This is America*” é o título do capítulo que abre a última parte do livro). Nas páginas dos oito capítulos finais, é possível assistir ao desenrolar da espiral descendente das condições habitacionais, das condições de vida e das condições anímicas dos indivíduos e famílias afetadas pelos processos de despejo relatados, correspondendo a leitura desta parte do trabalho à possibilidade de observação direta e em primeira mão da ação verdadeiramente implacável da engrenagem trituradora que a pobreza constitui.

Na sucessão de descrições que Desmond propõe de aspetos diversos das experiências de despejo observadas, é possível registar o efeito que o despejo tem no rompimento de laços sociais, na perda de referências identitárias e na dilaceração de tecidos comunitários já de si muito frágeis; a danificação da saúde mental, tantas vezes já precária, de muitas das pessoas afetadas pelo despejo; o regresso ao consumo de substâncias e a recaída em situações de dependência severa de drogas; a conjugação, em “círculo vicioso”, de processos múltiplos de rutura pessoal e social (raturas conjugais e familiares, abandono escolar de menores, perda de emprego, perda de acesso a prestações sociais); o recurso, tornado inevitável, a opções de alojamento cada vez mais dispendiosas ou cada vez mais degradadas e degradantes (culminando, eventualmente, no resvalamento para a situação de sem-abrigo).

Num tal quadro, não surpreende a consolidação de disposições orientadas para a estrita sobrevivência diária (“cada qual por si”, “*every man or every woman for him or herself*”, como diriam muitas das pessoas que povoam o livro) e a correlativa ausência de expectativas e projetos de futuro. A não ser, eventualmente, no registo individualista, mitificado e autoilusório do “sonho americano”, registo aliás responsável pela acentuação de processos de dissociação e de desidentificação face à condição e ao estatuto de “pobre”, quando não de repulsa e rejeição face a esse “outro” remetido para um patamar necessariamente inferior da escada social – processos que, por seu turno, se revelam responsáveis pela limitação das possibilidades de organização e ação coletiva⁶.

⁶ “Ninguém acha menos que os pobres são merecedores do que os próprios pobres”, nota a dada altura Desmond, a propósito da realidade social atomizada e anómica do parque de rulotes. “[N]ão chegava simplesmente ter perceção da injustiça. A resistência em massa só era possível quando as pessoas acreditavam que tinham a capacidade coletiva para mudar as coisas. Para as pessoas pobres, isto significava identificarem-se com os oprimidos, e incluírem-se neste grupo – algo que a maioria dos residentes no parque de rulotes rejeitava liminarmente fazer. (...) Para a maioria dos residentes, como Scott, o objetivo era sair, não era criar raízes e mudar as coisas. Alguns residentes descreviam-se como «estando apenas de passagem», mesmo que estivessem de passagem quase toda a vida. Um residente, pai desempregado de três crianças, que alimentava a sua rulote com eletricidade roubada, disse, «Nós não deixamos a família vir aqui. Nós não somos isto. Isto é vida de classe baixa e eu não nasci e cresci nisto»” (Desmond, 2017, pp. 181-182). O autor aprofunda mais à frente a sua reflexão sobre este tópico: “Quando as pessoas começaram a ver o seu bairro a transbordar de privação e vício, cheio de «todo o tipo de destroços naufragados de humanidade», perderam a confiança na sua capacidade política. Os arrendatários de Milwaukee com maior perceção de trauma associado ao bairro – isto é, que acreditavam que os seus vizinhos haviam experienciado o encarceramento, o abuso, a adição e outros acontecimentos traumáticos – acreditavam muito menos que as pessoas nas suas comunidades seriam capazes de conjugar esforços em prol da melhoria das suas vidas. Esta falta de confiança tinha menos que ver com as taxas de pobreza e criminalidade efetivas do bairro e mais que ver com a concentração de sofrimento que percebiam existir à sua volta. Uma comunidade que via tão claramente a sua própria dor tinha dificuldades para entender o seu potencial” (Desmond,

O presentismo e o taticismo inerentes à mundividência e à prática social quotidiana de muitas das pessoas que Desmond observou e escutou – e que encontravam tradução frequente em quadros relacionais rarefeitos e enfraquecidos, quando não anómicos, numa genérica falta de esperança nas possibilidades de mudança e melhoria do quadro de vida ou na adoção de comportamentos autodestrutivos ou de difícil compreensão por quem os apreciasse a partir da posição do observador externo, como quando Lorraine, uma das residentes no parque de rulotes, gasta na compra de lagosta todos os cupões alimentares (*food stamps*) que lhe haviam sido entregues pelos serviços sociais – são apreciados pelo autor de *Evicted* sem posturas judicativas e sem vieses moralistas. Este é um dado transversal aos diferentes momentos e aos diferentes temas da etnografia que Desmond propõe neste livro e constitui sem dúvida uma das principais lições a reter da leitura do texto. Aliás, não só Desmond resiste à apresentação anedótica e à armadilha moralista em que caem muitas das visões corriqueiras sobre aspetos da vida diária das pessoas nestes contextos e condições (em especial as que subjazem a muitos dos discursos emanados dos campos político e mediático, mas também de certos segmentos do campo académico e até de segmentos do setor da intervenção social), como propõe aproximações sociologicamente revelantes – e, por isso, antitéticas da prescrição moralizadora – de tais aspetos e comportamentos. Eis o que diz o autor a propósito da residente do parque de rulotes que gastou todos os seus cupões alimentares em lagosta (Desmond, 2017, p. 219):

Pessoas como Lorraine vivem com tantas limitações acumuladas que é difícil imaginar a quantidade de bom comportamento ou autocontrolo necessária para que possam remover-se a si próprias da pobreza. A distância entre a pobreza esmagadora e a mera pobreza estável pode ser tão vasta que àqueles que se encontram no fundo resta pouca esperança de dele saírem, mesmo guardando cada centavo a que possam deitar a mão. Por isso, escolhem não o fazer. Ao invés, procuram sobreviver de forma colorida, temperando o sofrimento com prazer. Podem decidir ficar

2017, pp. 181-182). Pontos de contacto com esta análise, estabelecíveis a partir da referência a um caso de estudo localizado na cidade do Porto, Portugal, podem ser encontrados em Pereira e Queirós (2014).

QUEIRÓS, João (2024),

"Investigar a pobreza urbana: lições e ilações de *Evicted* e de *Poverty, by America*, de Matthew Desmond",

Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. L, pp. 55 – 74

DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc50a3>

ligeiramente pedrados, ou ir tomar um copo, ou jogar, ou comprar uma televisão. Ou podem talvez gastar os cupões alimentares em lagosta.

Se Lorraine gastou o seu dinheiro insensatamente, não foi porque os apoios sociais que recebeu a deixaram com muito dinheiro no bolso, foi porque a deixaram com tão pouco. Ela pagou o preço do seu jantar de lagosta. Teve de comer comida enlatada o resto do mês. Em alguns dias, simplesmente não comeu. Mas valeu a pena. “Estou satisfeita com o que escolhi”, disse. “E estou disposta a comer *noodles* o resto do mês por causa dessa escolha”.

A descrição densa e vívida que Matthew Desmond faz da realidade da pobreza urbana observável no final da primeira década do século XXI em dois dos territórios mais degradados e difamados da cidade de Milwaukee culmina, em *Evicted*, num epílogo intitulado *Home and Hope* [Casa e Esperança], nas páginas do qual o autor reafirma a centralidade da casa na vida dos indivíduos e famílias, para depois discorrer sobre os meios de garantia da estabilidade residencial, base fundamental de garantia da estabilidade psicológica, da estabilidade relacional e, mais em geral, das condições para a confrontação ou prevenção do risco de pobreza⁷. A discussão centra-se, pois, nestas últimas páginas do livro, de um modo que o próprio Desmond considerará excessivamente sintético, nas medidas de política e nos programas e iniciativas públicas que, nos Estados Unidos da América, poderiam garantir alojamento decente às famílias de baixos rendimento. A reflexão propõe que estas medidas e iniciativas configuram alguns dos mais eficazes programas de combate à pobreza naquele país e constitui, portanto, uma apologia do respetivo alargamento: em 2013, 67% dos arrendatários pobres no país não recebiam qualquer apoio do governo federal; na mesma altura, mais de 20% de todas as famílias arrendatárias

⁷ A “descrição densa” (*thick description*, como diria Clifford Geertz) apresentada em *Evicted* por Matthew Desmond – com a sua preocupação de historicização e contextualização dos fenómenos observados e a evidenciação permanente do suporte documental e teórico das análises propostas, traduzida nas 303 longas notas que encerram o livro –, aproxima-se cabalmente dessa “construção densa” (*thick construction*) que defende Loïc Wacquant, “derivada da sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu, *construção ao quadrado* que assume a missão de construir cientificamente uma construção social ordinária da realidade, ancorada sem falta e sem desvios na tripla historicidade do agente, do mundo e do conhecimento” (Wacquant, 2023a, p. 11). A proposta de quadro teórico-conceitual que o sociólogo francês radicado nos Estados Unidos da América avança para sustentar o desenvolvimento desta “construção densa” está sintetizada em Wacquant (2023b).

gastavam mais de metade dos seus rendimentos em despesas com a habitação (Desmond, 2017, pp. 302-303).

As medidas e iniciativas defendidas nesta parte final do livro incluem o alargamento da oferta de habitação pública e, sobretudo, dos programas de apoio ao arrendamento, designadamente através da entrega mais alargada de vales de apoio ao custeamento das rendas (*housing vouchers*), mas também a disponibilização generalizada de aconselhamento e apoio jurídico a famílias ameaçadas de despejo, a facilitação do acesso às prestações sociais pelos mais necessitados e o combate à exploração laboral, conjugado com o aumento dos salários e demais fontes de rendimento das famílias pobres.

2. Combater a pobreza *made in USA*

A publicação de *Poverty, by America*, em 2023, procura colmatar o insuficiente desenvolvimento da reflexão com que Matthew Desmond encerra o livro anterior. Dividido em nove pequenos ensaios, uma vez mais balizados, a montante, por um prólogo e, a jusante, por um epílogo e uma secção de notas (ainda mais alargada do que a de *Evicted* – são aqui 76 páginas e 327 notas, a maioria bastante longas), *Poverty, by America* parte da *pergunta de um milhão de dólares*: afinal, “por que razão existe tanta pobreza na América” (Desmond, 2023, p. 3)?

Desmond lança-se na busca de uma resposta com o suporte da investigação publicada em *Evicted* e constrói um caminho que pretende que conduza ao redesenho do debate sobre a pobreza nos Estados Unidos da América apoiando-se num conjunto de questões-guia complementares: “que tipo de problema é a pobreza” (Cap. 1), “por que razão não fizemos mais progressos” (Cap. 2), “como prejudicamos os trabalhadores” (Cap. 3), “como forçamos os pobres a pagar mais” (Cap. 4), “como dependemos do Estado-Providência” (Cap. 5), “como compramos oportunidades” (Cap. 6). Nesta primeira parte do livro, Desmond delimita o objeto e apresenta os termos fundamentais do seu posicionamento analítico (e político) sobre as causas da produção e reprodução do fenómeno da pobreza, que no arranque da terceira década

do século XXI marcava o dia-a-dia de cerca de 38 milhões de norte-americanos, quase 12% da população residente no país⁸.

Depois de, nos dois primeiros capítulos do livro, situar e quantificar o problema, e indagar sobre as razões da dececionante incapacidade do país para o confrontar de forma eficaz – a linha que descreve a evolução da pobreza tem-se mantido estruturalmente estável, oscilando apenas em conjunturas de forte recessão ou de forte crescimento económico, mesmo num quadro de reforço absoluto e relativo das verbas dispensadas às principais medidas fiscais e aos mais importantes programas de cariz social (Desmond, 2023, pp. 26-28) –, Desmond dedica-se à apreciação daqueles que considera serem os principais fatores explicativos da persistência do fenómeno.

Assim, no Capítulo 3, Desmond explora as consequências da exploração do trabalho e dos trabalhadores pobres característica do sistema político-económico dos Estados Unidos da América, denunciando a persistência dos baixos salários e da precaridade laboral, a inexistência de um salário mínimo determinado a nível federal e a crescente proliferação do emprego instável, mal remunerado e desprotegido associado às plataformas digitais (*gig jobs*). A relevância da pobreza no seio da classe trabalhadora norte-americana é tornada evidente, no relato de Desmond, pela referência ao impacto da inflação, notório sobretudo após a pandemia da COVID-19, e pela inexistência de um sistema público de provisão de cuidados de saúde, que no país surge insuficientemente compensada pelo acesso (muito limitado no caso dos trabalhadores pobres) a (dispendiosos) seguros privados. Neste capítulo, Desmond refere-se ainda às limitações daquela que designa como a principal medida de

⁸ Estes valores correspondiam ao peso da população abaixo do limiar de pobreza, que os dados oficiais estabeleciam, em 2022, em cerca de 13.600 dólares de rendimento anual para um indivíduo isolado e 27.750 dólares de rendimento anual para uma família de quatro pessoas. Dos cerca de 38 milhões de pessoas abaixo do limiar da pobreza, 18 milhões viviam em condições de pobreza extrema (incluindo 5 milhões de crianças), isto é, viviam com menos de 6.390 dólares de rendimento anual, no caso de indivíduo isolado, ou menos de 13.100 dólares, no caso de agregado familiar composto por quatro membros. Como bem nota Desmond ao analisar estes números, definida assim, a pobreza é uma “linha”, e não uma “realidade vivida”, pelo que é óbvio que “há muita pobreza acima da linha da pobreza”: com efeito, os números cresceriam muito se a eles fossem adicionados os das pessoas que, nos Estados Unidos da América, vivem em situação de grande insegurança económica e habitacional, apesar de formalmente deterem rendimentos situados em montantes anuais globais superiores ao limiar da pobreza definido pelas estatísticas oficiais (Desmond, 2023, pp. 10-19). Desmond (2023, p. 23) conclui: “A pobreza não é uma linha. É um nó apertado de doenças sociais. Está conectada a cada um dos problemas sociais com que nos preocupamos – crime, saúde, educação, habitação – e a sua persistência na vida americana significa que milhões de famílias veem negada a sua segurança e a sua dignidade numa das mais ricas nações da história do mundo”.

combate à pobreza do país, a bonificação fiscal sobre os rendimentos (*Earned Income Tax Credit*), que abrangia, em 2021, 25 milhões de indivíduos e famílias, que acediam a um apoio médio de 2.411 dólares por ano, mas que configurava sobretudo um generoso bónus às empresas, por subsidiar a manutenção dos baixos salários – a ponto de empresas como a *Walmart*, uma das maiores empresas retalhistas do mundo, investirem na criação de iniciativas destinadas a apoiar os seus empregados na requisição do acesso àquela bonificação fiscal (Desmond, 2023, p. 38).

A descrição dos modos pelos quais os pobres que vivem nos Estados Unidos da América são explorados prossegue no Capítulo 4. Aqui, são destacados aspetos como a discriminação de que os pobres mal alojados são objeto no mercado de arrendamento habitacional, que empurra estas pessoas com pouca margem de escolha para soluções demasiado caras para a qualidade que oferecem, ou a verdadeira extorsão imposta a estas pessoas pelo sistema bancário e por outras instituições financeiras por via da cobrança de comissões, taxas e juros. No que respeita a este último tópico, e entre outras ilustrações, Desmond revela que apenas 9% dos detentores de contas bancárias são responsáveis pelo pagamento de 84% das comissões de descoberto cobradas anualmente (correspondentes, em 2019, a 11,68 mil milhões de dólares embolsados pelos maiores bancos norte-americanos). E quem são estes azarados 9%? Clientes cujo saldo bancário médio é inferior a 350 dólares (cerca de 330 euros): “Os pobres são obrigados a pagar pela sua pobreza”, conclui Desmond (2023, p. 71). E acrescenta (Desmond, 2023, pp. 78-79):

A pobreza não é simplesmente a condição de não ter dinheiro suficiente. É a condição de não ter suficiente escolha e de ser vítima de aproveitamento por causa disso. Quando ignoramos o papel que a exploração tem no aprisionamento das pessoas pobres, acabamos a desenhar políticas que são, no mínimo, débeis e, mais provavelmente, ineficazes. Quando a legislação aumenta os rendimentos inferiores – por exemplo, expandindo o abono de família [*Child Tax Credit*], ou aumentando o salário mínimo –, sem fazer nada quanto à crise habitacional, esses ganhos são o mais das vezes capturados pelos senhorios, e não inteiramente pelas famílias que essa legislação quis apoiar.

A discussão sobre quem beneficia deste estado de coisas é prolongada no Capítulo 5. A reflexão que aqui é proposta parte da análise do impacto das medidas avançadas pelo governo federal no período mais agudo da pandemia da COVID-19, durante o qual se observou um inédito decréscimo da pobreza, designadamente infantil, nos Estados Unidos da América⁹. Apesar dos sucessos destas medidas, depressa voltariam a fazer-se ouvir no debate público norte-americano as vindicações relativas ao suposto caráter pernicioso da sua manutenção e à aparente “armadilha da dependência” dos apoios sociais. Mesmo que a revisão da literatura sobre este assunto revele que a ação do Estado-Providência não gera “dependência” das prestações sociais, antes funcionando como rede de segurança contra infortúnios o mais das vezes temporários (de acordo com um estudo citado por Desmond, por exemplo, apenas 3% dos adultos em idade ativa nos Estados Unidos da América está fora do mercado de trabalho por razões desconhecidas), esta é uma das ideias-feitas que mais respaldo tem na sociedade norte-americana. O problema, observa Desmond (2023, p. 89), não está na dependência do Estado social, mas no seu *evitamento*:

Dito de forma simples, muitas famílias pobres não beneficiam da ajuda que lhes é disponibilizada. Apenas um quarto das famílias que poderiam receber a assistência temporária a famílias necessitadas [*Temporary Assistance for Needy Families*] a solicitam. Menos de metade (48%) das pessoas idosas nos Estados Unidos da América elegíveis no âmbito do programa de cupões alimentares estão nele inscritas. Um em cada cinco pais que poderiam beneficiar do seguro de saúde governamental (sob a forma de *Medicaid* ou do programa de seguro de saúde infantil [*Children’s Health Insurance Program*]) não se inscreve para o receber, tal como um em cada cinco trabalhadores que poderia fazê-lo não reclama a bonificação fiscal sobre os rendimentos [*Earned*

⁹ Entre 2018 e 2021, o número de pobres nos Estados Unidos da América diminuiu num montante de aproximadamente 16 milhões, mesmo tendo o impacto da pandemia da COVID-19 e dos confinamentos que lhe estiveram associados resultado numa fortíssima quebra da atividade económica e num significativo aumento do desemprego (só na semana de 16 de março de 2020, 3,3 milhões de residentes nos Estados Unidos da América declararam oficialmente a sua passagem à condição de desempregados). Os efeitos do *Relief Bill and American Rescue Plan Act*, do alargamento do abono de família e da aplicação de outras medidas inéditas e arrojadas de apoio aos indivíduos e às famílias significaram uma diminuição do risco de pobreza para todos os grupos etários e étnico-raciais, quer nas áreas urbanas, quer nas áreas rurais, tendo possibilitado uma surpreendente redução – *para metade* – dos níveis de pobreza infantil (ver, sobre este período e este assunto, Desmond, 2023, pp. 80-81, bem como as referências para que esta passagem do livro remete).

Income Tax Credit]. (...) Não há estimativas oficiais do montante total de ajudas estatais que fica por reclamar por americanos com baixos rendimentos, mas o número anda na casa das centenas de milhares de milhões de dólares em cada ano.

A dependência das ajudas estatais é apanágio, sobretudo – e esta é uma das proposições mais acutilantes de Desmond – das classes afluentes: “Os restantes entre nós, por outro lado – nós, os membros das classes protegidas –, tornámo-nos cada vez mais dependentes dos nossos programas de apoio estatal” (Desmond, 2023, pp. 90-91). Para ilustrar este argumento, Desmond denuncia, muito em especial, os gastos exorbitantes em subsídios estatais para aquisição de casa própria (193 milhares de milhões de dólares, em 2020, contra apenas 53 milhares de milhões de dólares em apoios diretos ao alojamento de famílias de baixos rendimentos), e conclui: “O Estado-Providência americano está distorcido” (Desmond, 2023, p. 91).

As páginas seguintes deste capítulo fornecem exemplos adicionais de como as famílias afluentes capturam a parte de leão dos apoios estatais hoje disponíveis nos Estados Unidos da América: através de isenções, bonificações e deduções fiscais diversas; de taxas de imposto sobre os rendimentos que contrariam o princípio da progressividade (as quatrocentas pessoas mais ricas do país pagam 23% de imposto sobre os seus rendimentos, a taxa mais baixa de todas); ou, indiretamente, em resultado da detenção de qualificações académicas mais elevadas e de empregos mais protegidos e mais bem remunerados, através do acesso a seguros de saúde, a planos poupança-reforma e a outros esquemas de poupança que beneficiam de apoios estatais ou estão associados a generosas deduções fiscais. O benefício que as classes favorecidas tiram para si da manutenção do *status quo* que resulta deste modelo distorcido de organização e funcionamento do Estado-Providência é a resposta mais evidente à pergunta com que Desmond (2023, pp. 96-97) abre a reflexão final incluída no quinto capítulo de *Poverty, by America*:

Como podemos explicar isto? Como aceitamos que benefícios fiscais massivos passem despercebidos às famílias da classe média e da classe alta que deles beneficiam, enquanto assistimos ao alastramento do ressentimento no seio dessas mesmas famílias relativamente a um Estado percebido como estando

a dar benesses a famílias pobres, ressentimento que, por seu turno, leva votantes afluentes a mobilizarem-se contra o apoio estatal aos pobres e, simultaneamente, a favor da proteção dos seus próprios benefícios fiscais, que supostamente nem sequer são reconhecidos em primeira instância?

O Capítulo 6 prossegue a análise deste problema ao propor uma crítica do regime de “opulência privada e miséria pública” – expressão popularizada pelo economista John Kenneth Galbraith, e retomada aqui por Desmond (2023, p. 105) – em que crescentemente assenta o sistema de relações sociais nos Estados Unidos da América. Em função do evitamento e evasão e da difamação sistemática do setor e dos serviços públicos, que mina o volume de receitas disponível, desvia investimentos e tolhe as condições de manutenção da respetiva qualidade; da privatização de um volume crescente de bens públicos; da intensificação das formas e manifestações da segregação (social, educativa, urbana, residencial, relacional); e, enfim, de uma crescente e generalizada “mercadorização das oportunidades”, as engrenagens de promoção da mobilidade social parecem cada vez mais enferrujadas, e a reprodução das desigualdades sociais cada vez mais difícil de contrariar. Como sublinha Desmond (2023, p. 111), “[a] melhor forma de assegurar que a oportunidade é desigual e injusta é cobrar por ela”.

Os três últimos capítulos de *Poverty, by America* são dedicados ao desenvolvimento dos argumentos de suporte a várias propostas de combate à – ou *abolição* da – pobreza. “Investir na erradicação da pobreza” é mesmo o mote de abertura do Capítulo 7, nas páginas do qual Desmond volta a denunciar a exploração de que os pobres são objeto, a prioridade dada à subsidiarização da afluência, em detrimento da confrontação da pobreza, e a segregação social que resulta da “mercadorização das oportunidades” em que as classes afluentes se implicam consciente ou inconscientemente. O desenvolvimento de formas de melhoria da informação disponível acerca dos programas de combate à pobreza e o alargamento dos meios e garantias de acesso aos apoios estatais, do lado da procura, e o reforço do financiamento, do lado da oferta, através do combate à fraude e à evasão fiscal, da instituição efetiva do princípio da progressividade do imposto sobre os rendimentos e do aumento das taxas de imposto sobre as grandes fortunas e os lucros das

empresas, são algumas das propostas avançadas por Matthew Desmond neste capítulo.

Sobre se o que aqui é proposto corresponde a um apelo à “redistribuição da riqueza”, expressão que Desmond confessa não apreciar, a resposta do autor é a seguinte (Desmond, 2023, p. 132):

Não estou a apelar à “redistribuição”. Estou a pedir que os ricos paguem os seus impostos. Estou a pedir um reequilíbrio da nossa rede de segurança social. Estou a pedir o regresso a um tempo em que a América fazia maiores investimentos no bem-estar de todos. Estou a pedir mais ajudas para os pobres e menos ajudas para os ricos.

O alargamento da base social de apoio e a consolidação dos pressupostos indispensáveis ao sucesso de longo prazo de um tal programa político impõem, entretanto, de acordo com Desmond, o “empoderamento dos pobres”. É este o título do Capítulo 8, em que o professor de sociologia da Universidade de Princeton discorre sobre fatores como o reforço da sindicalização dos trabalhadores (designadamente através da simplificação legislativa e processual da organização sindical e da constituição de sindicatos); a generalização da negociação coletiva setorial; o reforço de programas de provisão pública de alojamento (incluindo apoios à aquisição de casa própria por famílias com baixos rendimentos); a criação de apoios ao cooperativismo e a aposta no desenvolvimento de programas de “bens comuns” (*commoning*), designadamente em matéria de solos urbanos e construção/gestão de habitação; o reconhecimento e respeito pelos direitos sexuais e reprodutivos e a melhoria do planeamento familiar.

O capítulo termina com um apelo – porventura excessivamente voluntarista – à transformação de cada pessoa em “abolicionista da pobreza”, o que significa aceitar “realizar uma avaliação da sua própria vida, tornando a pobreza uma questão pessoal, através do exame das formas pelas quais se está ligado ao problema – e à solução” (Desmond, 2023, p. 136). O autor especifica este argumento a propósito das decisões individuais de consumo (Desmond, 2023, p. 137): “Cada vez mais, os consumidores

americanos consideram o impacto ambiental das suas compras. Deveríamos considerar também o seu impacto na pobreza”.

Quer o Capítulo 9, quer o Epílogo de *Poverty, by America* constituem prolongamentos da linha de raciocínio traçada a partir da ideia do “abolicionismo da pobreza”. Neles, o autor empreende uma denúncia dos efeitos perniciosos – para pobres e afluentes – da segregação social e apresenta os termos fundamentais da sua apologia da *integração* – urbanística e residencial, educativa, sociocomunitária, relacional. Em fim de percurso, Desmond (2023, p. 183) sintetiza desta forma a sua proposta:

A abolição da pobreza é um projeto pessoal e político. Aqueles de nós que abraçam este projeto procuram combater a pobreza através das suas escolhas de consumo, decisões de investimento e empregos. Apoiamos um governo ativamente empenhado na eliminação da escassez através do reequilíbrio da rede de segurança da nação e através da expansão das políticas que empoderam os pobres. Detestamos todas as formas de exploração, sejam elas promovidas por empresas, por proprietários ou por instituições financeiras, e mesmo se – especialmente se – elas nos beneficiam. Opomo-nos ao racismo, à segregação e à concentração de oportunidades nas nossas comunidades, e defendemos a prosperidade partilhada. Os abolicionistas da pobreza são solucionistas, fazedores, priorizam o plano em detrimento da crítica, vitórias tangíveis em detrimento de vitórias retóricas, a utilidade em detrimento da pureza – e temos de nos organizar.

Consciente de que a abolição da pobreza só poderá acontecer se um movimento de massas o exigir, o sociólogo norte-americano mostra-se confiante nas possibilidades da sua constituição: “[h]oje, esse movimento agita-se” (Desmond, 2023, p. 184). *Wishful thinking* ou não, facto é que a investigação de Matthew Desmond contribui para alargar o horizonte do imaginável e, portanto, do possível, no que ao combate à pobreza diz respeito – horizonte que, não apenas no caso dos Estados Unidos da América, se vem revelando persistentemente turvo e limitado.

Referências bibliográficas

- DESMOND, Matthew (2017), *Evicted: Poverty and Profit in the American City*. Penguin Books.
- DESMOND, Matthew (2023), *Poverty, by America*. Crown.
- DESMOND, Matthew (2024), “A Prophet for the Poor”, *The New York Review of Books*, 71(15), 21-22.
- PEREIRA, Virgílio Borges, & QUEIRÓS, João (2014), “‘It’s Not a Bairro, is It?’: Subsistence Sociability and Focused Avoidance in a Public Housing Estate”, *Environment and Planning A: Economy and Space*, 46(6), 1297-1316.
- WACQUANT, Loïc (2023a), *Misère de l’ethnographie de la misère*. Raisons d’agir.
- WACQUANT, Loïc (2023b), *Bourdieu na Cidade – Desafios à Teoria Urbana*. Outro Modo.

João Queirós.

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Investigador Integrado do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Investigador Colaborador do inED – Centro de Investigação e Inovação em Educação (ESE-P.PORTO). Entre abril de 2019 e dezembro de 2024, foi o Subcoordenador do Grupo de Projeto do Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC) em Portugal. Endereço para correspondência: Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal.

E-mail: jqueiros@letras.up.pt

Artigo recebido a 18/11/2024 e aceite para publicação a 26/11/2024.